



## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: uma abordagem social e emancipatória**

**Vitória Gabriela Lima Carvalho<sup>1</sup>**

**Prof<sup>o</sup> Graziela Brito de Almeida<sup>2</sup>**

**Prof<sup>o</sup> Odalisca Cavalcanti de Moraes<sup>3</sup>**

### **6. Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens.**

**Resumo:** A perspectiva sociolinguística possibilita observar que, por conta das discrepâncias demográficas e o abismo entre as classes sociais, há crianças que assimilam a língua escrita com mais facilidade e outras não, pelo fato de que a escola se apoia e valoriza a o processo a estrutura linguística que dificulta a compreensão das que se encontram em vulnerabilidade social. Buscamos desenvolver nas crianças o hábito de leitura, trabalhando com o imaginário e o encantamento que envolve as histórias infantis, mais especificamente interpretar as histórias contadas e relacionando-as com as vivências do cotidiano; recontar as histórias com a gravação de animações utilizando o suporte digital *Stop Motion Studio*, disponível para ser utilizado em dispositivos móveis. As ações extensionistas do projeto se baseiam nos pressupostos teóricos-práticos que subsidiam a alfabetização e letramento, contação de histórias e utilização de tecnologias digitais da informação e comunicação. Os resultados se desdobraram na criação de dois materiais pedagógicos para serem utilizados nos encontros, foram eles: o jogo 'A roda das emoções' e o material de apoio para história interativa. Além disso, os encontros se materializaram em uma animação em stop motion; elaborada e ilustrada pelo público alvo, a história foi animada com o suporte de estudantes voluntários e narrada pelas crianças. Consideramos que a contação de histórias é fundamental na alfabetização e letramento, abordando os sentimentos e emoções do indivíduo e posicionamentos sociais, abrindo um leque de possibilidades e formas de relação com o próprio contexto.

**Palavras-chaves:** Alfabetização e letramento; Contação de histórias; Aprendizagem significativa.

### **Introdução**

A prática alfabetizadora, por mais que seja um direito de todos, não atende a heterogeneidade que está atrelada à sociedade brasileira. A complexidade dessa discussão vai desde as pautas de permanência dos educandos que se encontram em vulnerabilidade social no processo educacional até a representatividade do seu contexto no ambiente escolar.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Católica de Pernambuco - PE, [vitoria.2020203520@unicap.br](mailto:vitoria.2020203520@unicap.br) ;

<sup>2</sup> Professora orientadora: Mestra em Psicopedagogia pela Universidad de Deusto - País Vasco/ES , [graziela.almeida@unicap.br](mailto:graziela.almeida@unicap.br) ;

<sup>3</sup> Professora orientadora: Mestra em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco - PE, [odalisca.moraes@unicap.br](mailto:odalisca.moraes@unicap.br)

“As relações verticais entre educador e educando não favorecem o diálogo, uma maior compreensão dos conteúdos e, não raro, o educando perde o interesse sobre o tema a ser estudado” (LOUREIRO, 2005, p. 11).

A educação, por sua vez, requer uma atenção especial no que diz respeito à realidade de cada indivíduo, já que um processo de aprendizagem que não se pauta nas referências do educando é um processo inócuo. Entendemos que a contação de histórias é uma ferramenta pedagógica que o professor pode inserir na prática alfabetizadora por ela subsidiar situações favoráveis ao exercício cognitivo, afetivo e social das crianças e favorecer a criação de um ambiente vivo e significativo. Visando fomentar o estudo sobre a contação de histórias no processo de alfabetização e letramento, assim como, levantar pontos que assegurem esses eixos temáticos como veículos de empoderamento social em comunidades vulneráveis, este trabalho relata a experiência do projeto de extensão “Contando e aprendendo com histórias”, promovido pelo curso de Pedagogia, Escola de Educação e Humanidades, Pró-reitoria Comunitária e de Extensão da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, sob a orientação de duas professoras, uma do curso de pedagogia e a outra de serviço social, e onze voluntários extensionistas.

Buscamos desenvolver nas crianças o hábito de leitura, trabalhando com o imaginário e o encantamento que envolve as histórias infantis, mais especificamente interpretar as histórias contadas e relacionando-as com as vivências do cotidiano; recontar as histórias com a gravação de animações utilizando o suporte digital *Stop Motion Studio*, disponível para ser utilizado em dispositivos móveis. As ações extensionistas do projeto se baseiam nos pressupostos teóricos-práticos que subsidiam a alfabetização e letramento, contação de histórias e utilização de tecnologias digitais da informação e comunicação.

O objeto de estudo deste trabalho foi a experiência vivenciada no Instituto de assistência social Dom Campelo - IASDOC, localizado na Comunidade do Bode em Recife, o instituto funciona como uma rede de apoio para crianças e adolescentes que se encontram em vulnerabilidade social. Os encontros realizados se estabeleceram a partir de um planejamento cujo principal objetivo foi estimular as competências socioemocionais nas crianças, por meio da contação de histórias e de atividades lúdicas.

## **2 Fundamentação teórica**

A alfabetização é o processo por meio do qual o indivíduo assimila e se apropria da língua escrita. Para além disso, ela atua como um mecanismo de apropriação e reprodução cultural. Para que isso ocorra, é necessário reconhecê-la como um conjunto de práticas sociais que fomenta a capacidade do indivíduo de se impor enquanto sujeito ativo socialmente, portanto, o conceito de alfabetização carrega as inúmeras possibilidades de

construção identitária e de trajetória. Assim como o letramento, que amplifica as possibilidades de desenvolvimentos de habilidades que se pode adquirir na práxis alfabetizadora. O letramento é o processo em que o educando dá sentido ao que lê.

Soares (2013), ao conceituar alfabetismo, ressalta a dimensão de estado e, ou comportamentos que caracterizam o seu hermetismo. A pesquisadora subdividiu esses comportamentos em dois grupos: a dimensão *individual* e a dimensão *social*. A perspectiva individual refere-se a capacidade do indivíduo de ler e entender o texto escrito, isso envolve uma série de habilidades e conhecimentos linguísticos, psicológicos e simbólicos. Já a dimensão social está relacionada à prática do sujeito, ou seja, vai além da decodificação da palavra, mas sim o que ele faz com as habilidades e conhecimentos que o processo alfabetizador proporciona.

Loureiro, por sua vez, afirmou que “uma das possibilidades de compreensão crítica do vivido, das relações sociais, da própria realidade é o estudo, o crescimento humano e, portanto, a escola. E nesse contexto, a alfabetização é um desses momentos privilegiados.” (2005, p. 13).

Com a perspectiva sociolinguística, podemos observar que, por conta das discrepâncias demográficas e o abismo entre as classes sociais, há crianças que assimilam a língua escrita com mais facilidade e outras não, pelo fato de que a escola se apoia e valoriza a o processo a estrutura linguística que dificulta a compreensão das que se encontram em vulnerabilidade social, que podem demorar mais para compreender o sistema de escrita alfabética, por não ter a realidade inserida no processo educativo. “Isso é especialmente interessante quando se compreende a assimetria gerada pelas instituições sociais e quão importante é o papel dos programas de alfabetização crítica para a desmistificação dos parâmetros artificiais impostos pelo povo” (FREIRE, 2011, p. 9).

Mas se uma língua é um dispositivo de acolhida e de pertinência, também é um dispositivo de repúdio e de exclusão: daqueles que não a dominam, que não a aceitam, que nela não se sentem à vontade, que não a usam, que não se submetem a suas regras, que não obedecem a seus imperativos. (LARROSA, 2014, p. 60)

Entendendo a dimensão social do alfabetismo, consideramos que a alfabetização não é um processo mecanizado, pois esta atua como agente transformador e libertador das comunidades. Para que isso ocorra, é necessário que tanto os educandos como o educador em questão compreendam a magnitude dessa prática de modo a que o lado humano dos envolvidos seja subsídio para a ação pedagógica. Isto é, debater sobre a alfabetização requer um compromisso com o exercício da reflexão do “eu” indivíduo, “eu” social e o “eu” transformador.

A educação carrega valores que emergem da cultura, cidadania e das classes sociais.

Para que a práxis alfabetizadora faça sentido, precisa ser coerente ao contexto no qual está inserida. Desta forma, não há transformação social se o indivíduo não se estabelece enquanto ser portador de historicidade e empoderado frente aos códigos de linguagem e comunicação.

Vygotsky (2001, p. 16) afirmou que “a imaginação é uma função vital e necessária para o desenvolvimento humano que se constitui histórica e culturalmente.” Possibilitando que a criança seja capaz de desenvolver materiais a partir de representações da própria realidade, a narrativa se torna um elemento formativo crucial para o afeiçoamento da percepção de si e do mundo.

A história e a fantasia podem auxiliar e participar do processo de aprendizagem na vida da criança, do jovem e do adulto, pois, podem ser fundamentais para formação e construção de novos saberes. Além de desenvolver o cognitivo, afetivo e socioemocional das crianças, as histórias têm importância tanto para a educação infantil quanto para fortalecer os hábitos de leitura no processo de escolarização subsequente. No desenvolver delas sempre há um problema a ser resolvido, que de forma indiretamente faz a criança começar a perceber e aprender a enfrentar a vida por meio de uma forma lúdica.

Considerando que o processo de aquisição da língua escrita não deve ser realizada de modo a que o educando seja um depósito de conhecimentos, mas sim um agente ativo, se manifesta no momento em que possa criar e recriar espaços imaginários para dar significado ao conteúdo escolar. Assim, é necessário que esses momentos ocorram de forma dialética e compassiva, acompanhando os participantes em suas transformações e interpretações das próprias realidades (FREIRE, 2011).

A dialética é uma ferramenta fundamental para o entendimento dos contextos sociais. Bem como a contação de histórias se movimenta e movimenta o indivíduo em sua trajetória, ela está presente na sociedade desde as primeiras civilizações, permitindo trocas culturais carregadas de significados, tanto para o contador, como para o ouvinte. Contudo, “A história só alcança um sentido pleno para o [sujeito] quando é ele quem descobre espontânea e intuitivamente os significados [...]” (BETTELHEIM, 1980, p. 8).

Portanto, o momento de contação possibilita a sua imersão na narrativa de modo que a história assuma um significado conectado de seu contexto. Assim, a experiência e o sentimento pelo qual o ouvinte transitou vai delimitar a compreensão da fala, bem como sua relação com os personagens. As temáticas histórias podem partir do próprio ouvinte que vive seus anseios e transformações no mundo à sua volta e o resgate do sonho, da emoção, das dúvidas é mais uma vez possível quando a liberdade de entendimento ecoa de dentro de cada um. “É dar sentido às coisas” (SISTO, 2005, p. 26).

### 3 Metodologia

Os procedimentos metodológicos deste trabalho se apoiam nos pressupostos teóricos-metodológicos de pesquisa bibliográfica que compreende a análise e interpretação de materiais impressos, secundada pela abordagem qualitativa, de acordo com os seguintes passos:

- Pesquisa exploratória definida como bibliográfica a partir do levantamento de trabalhos, análise e discussão de livros, artigos, periódicos impressos e digitais sobre inteligência emocional, contação de histórias e educação.(CAJUEIRO, 2012)
- Planejamento e organização da ação extensionista: Realização de uma reunião com os dirigentes do IASDOC para obter informações sobre as demandas e apresentar a proposta do projeto; Realização de quatro reuniões com a equipe do projeto para preparar o material a ser utilizado nos encontros com o público alvo do IASDOC; Realização de cinco encontros como estratégia para atender as necessidades e dificuldades reais do público alvo, favorecendo a participação no sentido de torná-los cientes das possibilidades e da vontade de aprender e transformar as capacidades em competências, a partir de leitura de livros e técnicas de animação.
- Desenvolvimento do projeto: No primeiro encontro, foram apresentados os objetivos do projeto ao público. Para assim, iniciar o momento com a musicalização. Em seguida, houve a contação de histórias com o livro “Quando eu estou feliz”, sucedida por uma roda de diálogo; O segundo, iniciou com a musicalização, em seguida se deu a contação de histórias com o livro “Quando estou irritado”. Após a contação, demos início ao jogo “A roda das emoções”. O jogo foi adaptado para o projeto, com uma roleta impressa e colada em uma caixa de papelão, onde estão descritas algumas emoções e comandos para o jogo; No terceiro encontro se sucedeu a musicalização e contação de histórias com o livro “Quando sou bondoso”. Em seguida, com uma caixa com ilustrações aleatórias e um dado com os comandos (comandos: crie um personagem, passe a vez, troque o cenário da história), as crianças construíram uma história interativa. A duração foi de trinta minutos e cada criança teve cinquenta segundos para pensar na sua contribuição e expor ao grupo; O quarto encontro se deu pela musicalização e contação de história do livro “Quando estou com medo”, em seguida os participantes deram início a ilustração da história, para a animação em stop motion; No quinto encontro, houve a contação de histórias do livro “Histórias do coração” para em seguida, iniciar a animação em *stop motion* da história elaborada por eles. Com o auxílio das estudantes extensionistas, as crianças animaram a história, uma criança se voluntariou para ler e narrar a história na gravação.

#### **4 Resultados e Discussão**

Os resultados da ação extensionista se desdobraram na confecção de dois materiais pedagógicos para serem utilizados nos encontros e no desdobramento das ações, foi perceptível a forma como as crianças passaram a enxergar o momento de contação como uma fonte de prazer. Sendo assim, os objetivos do projeto de fomentar a leitura, imaginação e a criatividade das crianças foram alcançados. Tornando possível o estreitamento da relação do público alvo com o mundo da leitura, foram desenvolvidas habilidades de comunicação oral, ilustração e teatralização; além do estímulo da atenção e respeito ao próximo e das competências socioemocionais, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018).

Parte significativa do público alvo se encontra em vulnerabilidade social, sendo possível observar nos encontros que, quando não estão no instituto ou na escola, as crianças se encontram em casa realizando atividades domésticas, sem espaço para a brincadeira e o faz de conta. Neste sentido, o desafio em estimular a leitura e a prática alfabetizadora por meio da contação de histórias foi o de fazer com que as crianças se reconheçam como transformadoras de sua própria realidade.

Entendemos o quanto a realidade pode ser difícil para as crianças, especialmente na fase em que as referências e visão de mundo estão sendo elaboradas. Em todos os momentos houve espaço para expor suas impressões sobre as histórias e atividades como o jogo “A roda das emoções”, momento de participação intensa. As crianças gostaram de ser ouvidas e se divertiram, também, com as perguntas no *Quizz*, elaborado com o objetivo de reconhecerem suas emoções e reações diante da realidade.

Na construção da história interativa, parte significativa dos alunos não prestaram atenção ao que o colega estava falando, outros, por não ter uma noção de continuidade e ao se deparar com os comandos do cubo, e das figuras levou a história para outros contextos. Por fim, a dinâmica ocorreu bem, alcançamos a proposta de instigar a criatividade e imaginação do público alvo. Para Vygotsky (2001, p. 64), “(...) todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.”

Nos processos de ilustração as crianças se mantiveram concentradas e animadas com as criações. Durante a gravação da animação, ficaram atentos aos comandos das voluntárias. Entre as crianças do grupo, apenas uma era alfabetizada, que se dispôs a narrar o áudio da animação. No término do encontro foi apresentada a animação. “A contação de história que nos é depositada torna-se o enredo do que nós próprios seremos protagonistas de uma nova história a ser contada” (RAMOS, 2010.p.91).

#### **5 Considerações Finais**

Entender a prática alfabetizadora como um elemento construtor de pontes para o

abismo social requer, primeiramente, saber quais são as dificuldades enfrentadas pelas comunidades desfavorecidas. Em segundo, identificar qual a necessidade da população e encontrar meios para suprir as suas carências. O desenvolvimento desse projeto de contação de histórias nesse contexto, surge de uma demanda do público alvo, a fim de estimular a fantasia e o faz de conta no processo de aquisição da escrita.

A participação e envolvimento no projeto de extensão converge com a vivência da prática social com as estudantes extensionistas, refletindo na permanência e na função profissional envolvida com a área acadêmica e na vida do estudante. Desta forma, cada ação teve o objetivo pedagógico a fim de estimular mudanças na vida de cada criança levando aprendizagens e ampliando o conhecimento.

Reconhecemos que a contação de histórias enquanto ferramenta pedagógica na alfabetização e letramento, está para o educando como um resgate cultural e pessoal. Atuando de dentro para fora, a contação vai desde os sentimentos e emoções do indivíduo, até a formação de caráter e posicionamentos sociais, se relacionando com a dimensão cultural do alfabetismo, abrindo um leque de possibilidades e formas de relação com o próprio contexto.

## Referências

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Tradução de Lólio Lourenço Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2014. E-book. ISBN 9788582174364. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582174364/>. Acesso em: 18 mar. 2023.
- LOUREIRO, Stefânie Arca G. **Alfabetização - Uma perspectiva humanista e progressista**. [Digite o Local da Editora]: Grupo Autêntica, 2007. E-book. ISBN 9788582178829. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582178829/>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- MORAIS, José. **Alfabetizar para a democracia**. [Digite o Local da Editora]: Grupo A, 2014. E-book. ISBN 9788565848947. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848947/>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** Mestrado em Educação. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011. Disponível em: <https://www.ppedu.uel.br/pt/mais/dissertacoes-teses/dissertacoes/category/14-2011?download=278:2011-ramos-ana-claudia>.
- SISTO, Celso. **Textos e Pretextos sobre a Arte de Contar Histórias**. 2º ed. Curitiba: Positivo, 2005.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: editora contexto, 2013.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2001.